CENTENÁRIO DE UM PREDESTINADO

HUGO CATUNDA

Cem anos se contam, neste 7 de dezembro de 1967, do nascimento, em Santana do Acaraú, do coronel José Lourenço de Araújo, uma das individualidades mais expressivas que conheci e admirei pela dignidade de seu comportamento humano, pela cordialidade do seu espírito generoso e, sobretudo, pela capacidade de luta, exemplarmente demonstrada na escalada vertical da sua predestinação.

Oriundo de uma das mais distintas e tradicionais famílias do norte do Ceará, mas filho de pais pobres, não foi esta última circunstância um obstáculo mas, antes, um incentivo para que bem cedo se atirasse pelos caminhos da vida, com os olhos pregados na sua estrêla.

De comêço, foi um modesto empregado do comércio, mas nesta sua primeira ocupação estava a esperança do êxito, que lhe segredavam as vozes proféticas do coração.

Ao lado do senso da responsabilidade, da atividade e do desejo de vencer com que se desempenhou no pequeno emprêgo, bem cedo em José Lourenço repontou, por igual, uma tão aguda vocação de homem de negócios que, pouco depois, era admitido como sócio comercial de um dos maiores capitalistas da região, o coronel Alexandre Soares, com quem logo depois viria a ligar-se mais intimamente pelo casamento com uma sua cunhada — D. Maria do Carmo de Araújo — espírito feito de ternura e bondade, que se santificou na memória de todos, mesmo sem operar os prodígios miraculosos que conduzem à glória dos altares.

Passados alguns anos, e extinta a organização comercial que integrava, estabeleceu-se por conta própria, fundando, no Ipu, a firma J. Lourenço & Cia., que se tornou, pelo vulto dos seus negócios, uma das mais importantes do norte do Estado, com irradiação por tôda a região e pelos municípios fronteiriços do Piauí. A sua organização co-

mercial operando assim, em larga escala, mantinha também intercâmbio com importantes firmas do Sul e do estrangeiro, através do comércio de importação e exportação, e mais ainda se conceituava pela pontualidade e lisura de suas grandes transações. Alargando a faixa de suas atividades, o coronel José Lourenço de Araújo fundou, filiada à casa-matriz do Ipu, uma rêde de estabelecimentos comerciais e escritórios de representações em Ipueiras (onde também instalou uma fábrica de beneficiamento de algodão), Crateús e Camocim, e integrou, ainda, outras importantes firmas, uma das quais sediada em Belém do Pará.

No seu comércio, José Lourenço via as coisas com o realismo, com a prudência e o cálculo de um estrategista, e, por isso, nunca errou na previsão dos resultados compensadores que uma operação comercial lhe poderia oferecer. Daí os progressos que conquistou transformando-se, mercê também de seu trabalho honesto e fecundo, num dos maiores capitalistas do seu tempo, de reputação e crédito sòlidamente firmados. E tudo isto conquistou lisamente, a golpes de esfôrço e inteligência, pois que atuou numa época em que não havia, como hoje, o milagre fácil das fortunas rápidas e fabulosas, adquiridas da noite para o dia, por meios esconsos, mas sabidamente desonestos.

Grande parte das suas atividades dividiu igualmente com o trato e administração das suas propriedades rurais, modernizando-lhes os métodos de cultura e criando novas formas de produção, entre as quais a fabricação do açúcar, de que foi o ploneiro no norte do Ceará. Dir-se-ia que José Lourenço possuía em grau eminente o entusiasmo criador, porque, na verdade, êle foi um animador de riquezas, um impulsionador de civilização, animado sempre pela inteligência e pela energia construtiva que o singularizavam, entre os vultos da sua geração. E nunca se cansou da sua luta, pois sentia, como todo homem responsável, que a energia vital é tão necessária para criar como para conservar.

Espírito progressista, a sua bôlsa estava sempre generosamente aberta à concretização de todos os empreendimentos que visavam o progresso de Ipu, dos quais formava sempre na linha de frente. Na sua mansão, onde ao bom gôsto requintado aliavam-se as graças de uma hospitalidade acolhedora e pródiga, reunia-se a sociedade ipuense, não sòmente para as alegrias festivas que lhe eram mais caras, senão, também, quando se cogitava de qualquer movimento em prol da terra comum.

Chefe político de largo prestígio na região norte do Estado, numa época em que a lealdade partidária e a firmeza de princípios se sobrepunham aos interêsses personalistas e às transações indecorosas, tão comuns nos dias atuais, o coronel José Lourenço de Araújo foi sempre fiel às suas tradições liberais, e a correção das suas atitudes o levou a ocupar uma cadeira na Assembléia Legislativa do Estado, no govêrno do cel. Franco Rabelo, com o qual sempre se solidarizou, tanto na ascensão como na queda. Econômicamente independente e ge-

neroso por temperamento, a política não foi para êle um meio de obter vantagens nem um instrumento de ação coercitiva contra os adversários. Atuando politicamente numa época em que o Ceará era sacudido por grandes agitações e os ódios referviam por tôda a parte, José Lourenço não traiu a serenidade da sua formação moral, disciplinada pela sua fé cristã, e jamais os adversários tiveram a imputar-lhe uma coação, uma insídia exercida contra êles, que aliás tinham no seu espírito tolerante a maior garantia da sua segurança e tranqüilidade.

Foram êstes os exemplos de trabalho, de ordem e dignidade que o coronel José Lourenço de Araújo legou aos seus descendentes que bem souberam honrar a sua memória, projetando-se com relêvo nas letras, na ciência e na sociedade, cercados da mesma consideração e estima que o chefe inesquecível sempre desfrutou. E entre êles, que são muitos, não me corro de mencionar os seus filhos Dr. Francisco Araújo, professor da Faculdade de Medicina do Ceará, José Oswaldo Araújo, que esconde na sua modéstia as qualidades essenciais de um espírito de escol, e D. Marfisa Mont'Alverne, uma dama respeitável que ainda guarda a linha aristocrática da sua mocidade e, conserva bem viva a formosa inteligência com que a todos prende e encanta.

Disse Emerson, com um certo sabor bíblico, "que o apoio do mundo está nos homens bons que tornam a terra sã e fecunda". Para o grande escritor americano, êmulo de Carlyle, "os homens bons não são apenas aquêles que deixam de si o traço forte da sua humanidade, senão também os que, ao lado daquela virtude, foram fiéis ao seu destino, dando à sua própria vida uma luminosa dignidade".

O coronel José Lourenço de Araújo, tão cedo lanceado pela morte, foi um dêstes que, fecundando a terra pelo trabalho e pelo ideal, dignificaram a vida e souberam honrar o seu lugar no mundo.

E, por isto, o seu nome — cem anos passados do seu nascimento — ainda agora se recorda com emoção e reverência.